

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

João Eduardo Torrecillas Sartori

**IDENTIDADES E ABJETOS: A METAPSICOLOGIA FREUDIANA
NA ANÁLISE DA INTOLERÂNCIA, DA ABJEÇÃO E DA
VIOLÊNCIA IDENTITÁRIAS**

**Projeto de tese apresentado ao exame de seleção do
Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica –
Doutorado – como requisito para o processo seletivo.**

**Área de Concentração: Teoria Psicanalítica
Linha de Pesquisa: Psicanálise e Sociedade.**

São Paulo

2021

RESUMO

Nos últimos anos, em sociedades tais como a brasileira, aumentou expressivamente a importância assumida por certas noções de *identidade*. De outro lado, em meio à militância identitária – assim como, mais amplamente, no debate público –, cada vez mais comumente se mobilizaram noções a exemplo das de *intolerância*, *violência* e *abjeção* em explicações sobre opressões sociais variadas. Contudo, em alguns casos, não concebendo certas nuances metapsicológicas (tais como a existência de identificações, do recalque e do inconsciente), as explicações antes mencionadas seriam razoavelmente inconsistentes. Em outros casos, não considerando tais nuances, essas explicações até mesmo reiterariam, inadvertidamente, o ordenamento social opressivo o qual criticam. Freud não conceituou a *identidade* e não incluiu os conceitos de *violência*, de *intolerância* e de *abjeção* no domínio conceitual psicanalítico. Ainda assim, na obra de Freud, estariam contidos elementos teóricos (tais como as elaborações acerca da *agressividade*, do *ódio* e da “*infamiliaridade*”) com os quais não somente se desenvolveriam mais complexamente as noções de *intolerância*, de *violência* e de *abjeção identitárias*, considerando as nuances metapsicológicas antes mencionadas, mas, também, se contribuiria à subversão deste ordenamento socialmente problemático, no qual a essencialização de certas *identidades sociais* condiciona o direcionamento do ódio coletivo a determinados indivíduos, historicamente abjetados. Nesse contexto, no presente trabalho, se objetivará uma revisão crítica da teoria freudiana mediante a qual se elaborem as noções de *intolerância*, *abjeção* e *violência identitárias* as quais venham a ser, simultaneamente, compatíveis com a *metapsicologia* e utilizáveis no debate público recente ao qual a *teoria psicanalítica* contribui.

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Recentemente, o aumento da importância socialmente atribuída a certas noções de *identidade* nas sociedades ditas ocidentais contribuiu ao aumento do interesse de autores do *campo psicanalítico* pelas mesmas (ROSA, 1998, p. 122), embora alguns destes autores tenham resistido à aceitação da articulação de uma noção de *identidade* na *metapsicologia*. Assim, seriam cada vez mais comuns, as discussões acerca da coerência desta articulação, assim como de sua validade. Nesse contexto, certas teorias psicanalíticas têm sido utilizadas, mais restritamente, como instrumentos teóricos na análise do estabelecimento – e, em certos casos, de uma essencialização, normatização ou, normalização – de *identidades*.

Freud não conceituou a *identidade*, não articulando, em sua obra, um conceito de *identidade individual* – nem, de *identidade social* (CUNHA, 2000). Porém, certas noções complexas de *identidade* não necessariamente seriam incoerentes com a *teoria freudiana*. Em meio à análise de algumas obras do autor – tais como seu ensaio intitulado *O Eu e o Isso* (1923) –, seriam evidenciáveis elementos teóricos indicativos da *coerência* da articulação de certa noção de identidade na mencionada teoria, embora certamente uma identidade concebida diferentemente do modo como setores da denominada *militância identitária* a costumam conceber. Alguns desses elementos teóricos seriam evidenciados na caracterização freudiana do *Eu*.

Em sua *segunda tópica*, o autor concebeu o *Eu* como *instância psíquica* – e, indiretamente, como um complexo de representações de “si mesmo”. Ainda, em certas obras de Freud anteriores ao estabelecimento da *segunda tópica*, a exemplo de *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), a *identificação* veio a ser concebida como o mecanismo pelo qual o *Eu* estabelecido em um indivíduo seria modificado. Mais restritamente, como o *evento psíquico inconsciente* pelo qual o indivíduo assimilaria um *traço* constitutivo de um *objeto*, vindo a se assemelhar a este último nesse aspecto. Nesse contexto, Freud (1921, p. 100) escreveu:

“Podemos ver que a identificação se esforça para moldar o próprio *Eu* de uma pessoa de acordo com o aspecto daquele que foi tomado como modelo.”. (FREUD, 1921, p. 100, tradução).

Em 1923, de modo indireto, o autor considerou o *Eu* como uma entidade psíquica: (i) “mutável” – nesse caso, não sendo necessariamente o mesmo em momentos diferentes, suas *representações* constitutivas sendo modificadas em meio às *identificações* –; e (ii) “cindida” – isto é, “não una”, o *Eu* não sendo inteiramente acessível à *consciência*, algumas de suas *representações* constitutivas sendo mantidas como *recalcadas*. Assim, mesmo sendo indicada, na análise da caracterização freudiana do *Eu*, a *coerência* entre este último e certa *identidade*, o *Eu* certamente não consistiria em uma *identidade*. (SARTORI, 2019, p. 15).

Muito comumente, o indivíduo se convenceria não somente da correspondência de “si mesmo” com o conteúdo de seu *Eu consciente*, mas, também, da “essencialidade” deste conteúdo – isto é, da existência de uma substância inerente a este conteúdo e “imutável” (SARTORI, 2019, p. 50). Precisamente esta suposição de “essencialidade” (não raramente associada com certo sentimento, narcisicamente condicionado, de superioridade de si ou do grupo ao qual se pertence), tem em alguns casos se relacionado com discriminação e com a violência identitárias; isto é, com a concretização, discursiva, simbólica ou, mesmo, em ato, da intolerância aos indivíduos identificados com certa identidade social. Geralmente, oprimida socialmente.

Alguns conceitos, tais como os de *sexo*, *gênero*, *orientação sexual* e *etnia*, representações de *categorias identitárias*, são considerados, em obras a exemplo da de Butler (1990), como representações de entidades socioculturalmente construídas; e, não, como as representações de entidades essenciais. Contudo, contemporaneamente, estes conceitos têm sido essencializados no imaginário de muitos indivíduos, em variados sistemas socioculturais – isto é, considerados neste imaginário como as representações de entidades essenciais. Inclusive, muito comumente, na militância identitária. A historicidade destas *identidades*, exatamente como a sua ilusoriedade, seria negada.

Em acordo com a teoria de Butler (1990, p. 16-17), na *sociedade brasileira*, a essencialização das *identidades sociais de sexo*, *gênero* e, *orientação sexual* mais comumente concebidas seria considerada como resultante na manutenção de uma *estrutura socialmente opressiva* a certos indivíduos – identificados em alguns setores da *militância identitária* como “não cis-heterossexuais” – tais como *intersexuais*, *transgêneros* ou *homossexuais*. Muitos destes indivíduos seriam, recorrentemente, discriminados e violentados. Frequentemente, a violência contra eles – assim como a sua discriminação – ocorreu de modo que um de seus motivos tenha sido uma intolerância –

condicionada socioculturalmente – à incoerência deles com a *normatividade*¹⁶ socialmente estabelecida, denominada, na obra de Butler (1990), *matriz heterossexual*.

Em sua obra intitulada *Problemas de Gênero* (1990), Butler concebeu esta *matriz* como a *matriz sociocultural* não somente originadora, mas essencializante – e, nesse sentido, normatizadora –, de certas *categorias identitárias*. A autora sustentou que as *identidades* coerentes com esta *normatividade* seriam consideradas socialmente como inteligíveis, *normais*; mas que, as *identidades* incoerentes com aquela, seriam coletivamente intoleradas. Em muitos casos, além disso, estas *identidades* seriam “abjetadas”.

Em *Poderes do horror* (1982, p. 2), Kristeva concebera o *abjeto* como a *entidade psíquica* a qual, sendo incoerente com certos ideais constitutivos do *Supereu*, mas, não sendo inteiramente “delimitado” e estando entre o *Eu* e seu *objeto externo*, ameaçaria o indivíduo, indicando o *caráter ilusório* de sua *identidade*. Os *abjetos* individuais, não integrados à *identidade*, seriam violentamente recusados. Esta recusa estaria relacionada com certas *modalidades de intolerância*. Justamente nesse sentido, Butler (1990) articulou o conceito de *abjeção* de Kristeva em sua análise da *matriz heterossexual*, evidenciando o modo como, na *intolerância* coletiva aos indivíduos incoerentes com esta *matriz*, estes seriam “abjetados”.

Butler (1990) considerou, como *mecanismo psíquico constitutivo* da *intolerância identitário-sexual*, a denominada “abjeção”. Contudo, não necessariamente, a *abjeção* seria restrita ao âmbito “identitário-sexual”. Provavelmente, consista, de modo análogo, em *mecanismo da abjeção* a variados outros indivíduos – a exemplo dos identificados coletivamente, no Brasil, como *pobres, negros, em situação de rua, prostitutas, doentes mentais, viciados, obesos*, entre outros. Isto é, mais amplamente, em *mecanismo das abjeções identitárias*.

Aparentemente, Kristeva (1982) articulou metapsicologicamente seu conceito de *abjeto*, inclusive, sustentando que a instância psíquica mais diretamente relacionada com a *abjeção* seria o *Supereu*. Contudo, embora a autora tenha referenciado indiretamente sua teoria na *metapsicologia freudiana* – e, assim, seu conceito de *abjeção* tenha sido articulado, em sua teoria, com certos conceitos freudianos, tais como os de *Eu* e de *Supereu* –, não evidenciou ostensivamente as articulações daquela noção com conceitos metapsicológicos importantes – a exemplo dos de *narcisismo*, de *identificação* e de *recalcamento*. Além disso, em meio à sua conceituação da *abjeção*, Kristeva intencionou o

apontamento do modo como esta conceituação ocasionaria insuficiências na teoria do inconsciente de Freud – tal como inicialmente elaborada em *O inconsciente* (1915a).

Já Cardoso (2001, p. 50), a qual também se referencia metapsicologicamente, em sua consideração sobre os chamados “estados limites”, considerou que “o recurso a modos primários de defesa supõe uma má diferenciação entre sujeito e objeto; supõe, igualmente, a precariedade das fronteiras egóicas em relação à alteridade interna, não dispondo o sujeito de reservas narcísicas suficientes para exercer numa maior margem de manobra em sua relação com o objeto.”. A autora (p. 50) concluiu: “Há aí uma espécie de encaixe entre a problemática narcísica e a objetual, campo da patologia dos limites”. Nesse sentido, avança na caracterização das relações entre o *Eu* (condicionado pelo *narcisismo*) e *objeto*, oferecendo subsídios inclusive ao estudo de um “estado” específico, mas muito recorrente nos últimos anos. Neste ponto, nos restringiremos à indicação, pela autora, de um caminho o qual soa como profícuo, assim como o anteriormente evidenciado, à análise pretendida neste projeto. Portanto, existem autores os quais se referenciaram em alguma medida na teoria freudiana na análise minuciosa de patologias associadas com a intolerância, com a violência ou com a abjeção à alteridade.

De outro lado, mesmo os conceitos de *abjeção*, de *intolerância* e de *violência* não tendo sido inseridos oficialmente no *domínio conceitual freudiano*¹, Freud, usando sua *metapsicologia* como instrumentário analítico, caracterizou detidamente, em muitas de suas obras, fenômenos relacionados ao *ódio*, à *aversão*, à *intolerância*, à *agressividade*, à *destrutividade* e à *violência*. Inclusive, em alguns casos, não somente em âmbito individual, mas também coletivo. Deste modo, não seria inconsistente a consideração da *metapsicologia* de Freud como instrumentário na interpretação da intolerância e da violência. Mas os conceitos freudianos de *sistema psíquico inconsciente* e de *narcisismo*, assim como os de *Eu* e de *Supereu*, constituem a *metapsicologia*. Nesse contexto, a articulação metapsicológica das noções de *violência*, *abjeção* e *intolerância* mantém, como sua condição necessária, a evidenciação da sua coerência com os demais conceitos mencionados.

¹ Neste contexto, Fuks (2007) escreveu: “O termo intolerância, advindo da filosofia, não é propriamente um conceito psicanalítico, o que não nos impede de formular algumas questões: de que modo Freud inseriu sua disciplina na luta contra os fenômenos de hostilidade ao outro que testemunhou e que ferramentas teóricas construiu para decifrá-los? Como pensar psicanaliticamente o ressurgimento histórico da intolerância nos dias atuais, cada vez mais submergidos no processo de alteração do horror que Hannah Arendt (1979) chamou de “banalização do mal”?”.

A utilização da *metapsicologia* de Freud, na qual se articula uma *teoria do sistema inconsciente*, resultaria em uma complicação nas concepções mais recorrentes acerca da *violência*, assim como da *intolerância* – concepções nas quais não se considerariam, entre outros, o *recalcamento* e o *sistema psíquico inconsciente*. Nesse sentido, no mínimo, se evidenciaria certa insuficiência teórica nestas concepções. A *intolerância à alteridade* tem sido concebida como uma *aversão extremada* a um outro, isto é, como a extrema indisposição à “convivência não odiosa” com este último. Contudo, na utilização da *metapsicologia* – e, assim, na consideração do *sistema inconsciente* e do *recalcamento* – seria necessária, no mínimo, uma modificação na noção de *tolerância* – e, assim, na de sua contraparte, a de *tolerância*.

Em acordo com a teoria de Freud (1921, p. 56)², na relação do indivíduo com seus *objetos*, muito comumente ocorreriam “*ambivalências sentimentais*”. Deste modo, um *objeto* será, concomitantemente, amado e odiado. Entretanto, comumente, somente um destes *sentimentos* acessaria a *consciência*, o outro sendo suprimido. Mas os *complexos de representações* relacionados com este sentimento suprimido seriam mantidos como *recalcados*. O *recalcamento* ocasionaria e manteria *ambivalências*, entre as quais, as *ambivalências* relacionadas à intolerabilidade do indivíduo a certas diferenças reconhecidas, entre si mesmo e um outro. Possivelmente, neste sentido, mesmo a *tolerância* mais ostensiva à diferença, ocultaria em alguns casos atitudes emocionais odiosas. Alternativamente, a *aversão* mais severa ocultaria atitudes emocionais amorosas. Em muitos casos, ambas, *tolerância* e *intolerância*, consistiriam em *formações reativas* e, assim, sentimentos contrários acessariam a *consciência* – isto é, o amor a certo *objeto* seria sentido ao invés de ódio a este, e vice-e-versa.

A necessidade individual de atendimento às *exigências narcísicas* de estabilização de sua *multiplicidade* se relacionaria com este *recalcamento*. Em muitos casos, um indivíduo não admitiria suas *ambivalências sentimentais* em sua relação com certos *objetos*. Esta *ambivalência* seria necessária também à manutenção de certa *identidade do Eu*, essencializada, mas ilusória. No desenvolvimento do indivíduo, certa *alteridade*, via identificações, o viria a constituir; mas seria também uma *alteridade* a constante ameaça ao *narcisismo* (KRISTEVA, 1982; CECCARELLI, 1997). Neste sentido, ao menos

² Nesse sentido, Freud (1921, p. 56) escreveu: “Conforme o testemunho da psicanálise, quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas – matrimônio, amizade, o vínculo entre pais e filhos – contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido ao recalque não é percebido. Isso é mais transparente nas querelas entre sócios de uma firma, por exemplo, ou nas queixas de um subordinado contra o superior.”.

momentaneamente, a diferença constitutiva do outro se tornaria ameaçadora, devendo receber, do sujeito, sua agressividade. Nesse contexto, Garcia-Roza (2011, p. 28) asseverou: “Não é por acaso que Freud escreve *Para introduzir o narcisismo* logo em seguida a *Totem e tabu*. A ideia de que narcisismo e agressividade surgem juntos já está presente na maneira como ele descreve o processo de identificação e incorporação. ‘Os irmãos expulsos se uniram, mataram e devoraram o pai’.”.

A consideração do outro como ameaça ao *narcisismo* ocorreria de modos variados, em contextos e em intensidades igualmente variadas. Provavelmente, alguma *intolerância*, de modo mais amplo e não necessariamente direcionado, seria inevitável à maioria dos indivíduos. Quando se estuda a *agressividade* no *campo psicanalítico*, comumente se utiliza, como uma das referências, a obra “*Mal-estar na Civilização*”, na qual Freud (1929) concebeu a agressividade individual inata como a mais importante ameaça à convivência em sociedade. Cada situação imaginariamente relacionada com a ameaça de um *objeto* ao narcisismo individual ocasionaria ódio, ao menos momentâneo, a este *objeto*; mesmo que este ódio se suprima. Por diversos motivos – relacionados com os aspectos narcísicos antes referidos –, entretanto, *impulsos agressivos* do indivíduo a certo *objeto* não acessariam sua *consciência*. Nesse contexto, em “*Reflexões para os tempos de guerra e morte*”, Freud (1974[1915b]) escreveu:

“A própria ênfase dada ao mandamento ‘Não matarás’ nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje. Os esforços éticos da humanidade, cuja força e significância não precisamos absolutamente depreciar, foram adquiridos no curso da história do homem; desde então se tornaram, embora infelizmente apenas em grau variável, o patrimônio herdado pelos homens contemporâneos (FREUD, 1974[1915b], p. 335).

Todavia, não necessariamente, a intolerância consistiria em *intolerância identitária*. Menos ainda, a *violência* consistiria necessariamente em *violência* a certa *identidade*. Ainda assim, o aumento da importância assumida nos últimos anos pelas noções de identidade viria a reiterar estes movimentos narcísicos, individuais e grupais, relacionados com a intolerância e com a violência identitárias.

Desse modo, desde já, se interrogaria: “*A noção de violência identitária (e, indiretamente, a de intolerância identitária) seria mesmo coerente com a metapsicologia freudiana?*”. Ou, em outros termos: “*Existiria alguma noção de ‘violência’ coerente com a teoria de Freud (a qual incluiria conceitos tais como o de narcisismo, de recalçamento, de identificação e de sistema inconsciente)?*”. Ainda mais ousadamente: “*resultaria da metapsicologia de Freud uma noção de violência identitária?*”. Neste caso: “*Quais elementos teóricos evidenciados na análise da obra freudiana resultariam em uma conceituação desta modalidade de violência?*”. De outro lado: “*Quais mecanismos psíquicos se relacionariam com esta violência?*”; “*Quais seriam as articulações entre as “identidades” do Eu de um indivíduo e sua intolerância?*”.

Em meio à análise da obra freudiana intitulada *O infamiliar* – originalmente, *Das Unheimliche* – (1919), seguramente, se evidenciariam alguns destes elementos. Nessa obra, Freud caracterizou o sentimento de aversão denominado, em alguns excertos, “*infamiliar*” – e, em outros, de modo menos sucinto, “*infamiliaridade*” ou “*sentimento do infamiliar*”. O autor (1919) considerou este sentimento como correlacionado com uma angústia – alternativamente, certo medo ou, ainda, horror. Contudo, em muitas de suas teorizações anteriores, Freud concebeu a angústia como índice de um recalçamento. Justamente nesse sentido, em concordância com estas teorizações, correlacionou a *infamiliaridade* com o recalçamento.

Freud concebeu (1919) os *corpos infamiliare*s como aqueles os quais evocariam novamente, no indivíduo, o *recalcado* – isto é, os quais se relacionariam com o *retorno de recalcado*. Os *corpos infamiliare*s conteriam algo “*familiar*” – isto é, algo cronicamente constitutivo do indivíduo. Neste caso, entretanto, um “*familiar*” *recalcado*. Freud (1919, pp. 90-91) considerou a *infamiliaridade* como ocasionada em eventos variados, tais como nas constatações de *autômatos*, de *crises epilécticas*, de *loucura*, da *morte* e, do “*duplo*”, assim como nas *sensações* respectivamente denominadas “*pressentimento*” e “*mau-olhado*”. Portanto, situações muito diferentes umas das outras indicariam, inconscientemente, para o indivíduo, o recalçamento de um *complexo de representações* insuportável à sua *consciência*.

Indiretamente, o autor (1919, p. 91) considerou que, em certos casos de *infamiliaridade* – tais como na constatação de *crise epiléctica* ou de *loucura* –, o indivíduo reconheceria momentaneamente, no objeto concebido como *infamiliar*, um “*abjeto*” de seu *Eu* – isto é, um dos seus “*Eus inconscientes*”. Nesse caso, seria ocasionada no

indivíduo a *angústia* associada com este reconhecimento, o qual, ameaçador ao indivíduo, indicando a “ilusoriedade” de sua *identidade do Eu*, seria novamente *recalcado*.

Por outro lado, em 1918, em seu artigo intitulado *O tabu da virgindade*, Freud articulou originalmente em sua obra a noção de “*narcisismo das pequenas diferenças*”, no contexto de sua discussão acerca da consistência de uma das interpretações de Crawley ao estabelecimento do referido *tabu*. Freud (1918, p. 195) concordou com Crawley em sua suposição de que certas *pequenas diferenças* entre indivíduos, independentemente das similaridades entre estes em outros importantes aspectos, ocasionariam seus mútuos sentimentos de “*estranheza*” e *aversão*. Correspondendo, implicitamente, sua noção de “*narcisismo das pequenas diferenças*” com o conceito de Crawley de “*tabu de isolamento individual*”, Freud considerou, de modo indireto, o *narcisismo das pequenas diferenças* como resultante na tendência individual a certa *intolerância à alteridade*.

Já em *Psicologia das Massas* (1921), em sua análise da constituição de certos *grupos psicológicos*, embora não tenha utilizado a expressão “*narcisismo das pequenas diferenças*”, Freud retomou indiretamente a conceituação desta “modalidade” de *narcisismo*. E, nesse contexto, o autor desenvolveu o seu conceito de *narcisismo*, não somente reiterando certas suposições suas acerca desta *entidade psíquica*, mas acrescentando, ao conceito, outros “contornos”. Justamente nesse sentido, em 1921, Freud considerou o reconhecimento individual de uma *diferença* entre si mesmo e um *objeto* como ameaçadora à sua *integridade narcísica* – isto é, em outros termos, ameaçadora à sua convicção da integridade de sua “*identidade do eu*” (REINO & ENDO, 2011). O autor (1921) escreveu:

“Nas indisfarçadas antipatias e aversões a estranhos os quais se encontram próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los.” (Freud, 1921, tradução).

Neste caso, seriam evidenciados, na obra de Freud, *elementos* com os quais se interpretariam as relações entre o *narcisismo* e a *aversão* – ou, ainda, a *intolerância* – e, indiretamente, a constituição de “*abjetos do Eu*”. O *narcisismo*, no indivíduo, corresponderia à sua *tendência* à sobrevalorização de seus atributos – a exemplo da sobrevalorização de suas *escolhas sexuais objetais*. Estaria relacionado com a *tendência*

individual ao *sentimento de ameaça* em sua *relação* com *objetos* diferentes de si. Possivelmente, em muitos casos, o *recalcamento* manteria este *sentimento* oculto ao indivíduo nos casos nos quais esta *tendência* tenha sido menos intensa que os “movimentos psíquicos” favorecedores desta *relação*.

De outro lado, em 1918, embora Freud tenha conceituado o *narcisismo das pequenas diferenças* em meio a uma análise do *tabu da virgindade*, considerando a *diferença entre os sexos* como associada com o mencionado *tabu*, certamente esta última não seria a única *diferença* ameaçadora à *integridade narcísica*. O reconhecimento de quaisquer outras *diferenças* a ameaçaria, mesmo a ameaça ocorrendo em intensidades variadas e, em alguns casos, sendo *recalcada*.

Em outro excerto de *Psicologia das Massas*, o autor (1921) evidenciou, implicitamente – isto é, não o nomeando –, nuances do *narcisismo das pequenas diferenças*, em sua caracterização das relações entre os indivíduos de certos *grupos*. Mais restritamente, de modo indireto, Freud caracterizou o *fenômeno* aqui denominado “*aversão identitária*”. Isto é, a *aversão* de um indivíduo a integrantes de alguma de suas “*contrapartes identitárias*”, *identidades sociais* concebidas como contrárias à sua. O autor (1921) escreveu:

“Toda vez que duas famílias se unem pelo casamento, cada uma delas se acha melhor ou mais nobre que a outra. Havendo duas cidades vizinhas, cada uma se torna a maldosa concorrente da outra; cada pequenino cantão olha com desdém para o outro. Etnias bastante aparentadas se repelem, o alemão do sul não tolera o alemão do norte, o inglês diz cobras e lagartos do escocês, o espanhol despreza o português. Já não nos surpreende que diferenças maiores resultem numa aversão difícil de superar, como a do gaulês pelo germano, do ariano pelo semita, do branco pelo homem de cor.” (Freud, 1921, tradução).

Nesse contexto, em meio ao percurso sintético constituído anteriormente acerca das *formulações teóricas* freudianas as quais orbitam aproximadamente entre a “*agressividade*”, a “*antipatia*”, a “*aversão*” e a “*hostilidade*”, se evidenciou o seguinte, embora de modo notoriamente inacabado: a metapsicologia de Freud contém elementos com os quais se elaborariam ou se tornariam mais complexas as noções de intolerância, violência e abjeção. Além disso, a *teoria freudiana*, não somente no momento de sua criação, mas em seu desenvolvimento, veio a ser *subversiva* em variados sentidos.

Contudo, muitos críticos a esta teoria, inseridos em variadas *tradições*, têm apontado “*conservadorismos*” em suas *formulações* (CECCARELLI, 2010). Aparentemente, entretanto, estas três últimas noções, se revisadas metapsicologicamente, consistiriam em *instrumentos de subversão* em um *ordenamento sociocultural opressivo* – e *essencializante* – das *identidades*, o qual implicaria reiteradamente o direcionamento do ódio a certas identidades sociais.

Comumente, a *assunção psíquica* de uma *identidade social* pelo indivíduo se relacionaria com a constituição psíquica de *abjetos* neste último; isto é, de representações psíquicas inaceitáveis a si mesmo e, comumente, projetadas sobre o outro, para o qual se direciona o ódio. Assim, a *assunção psíquica* de uma *identidade* se relaciona, de algum modo, com *intolerância identitária*. Obviamente, em uma análise consistente de um certo caso de *intolerância identitária* – a exemplo de certa análise *da intolerância coletiva à homossexualidade no ocidente* ou, aos *negros no Brasil* –, não seriam desconsideradas a *historicidade* de certas *identidades sociais* e, mais restritamente, as *estruturas socioeconômicas* condicionantes da reiteração da *essencialização identitária*. Mas a *metapsicologia* de Freud conteria *construtos teóricos* os quais contribuiriam a uma *crítica radical* a ordenamentos socialmente opressivos e, concomitantemente, a esquemas normativos identitários. Desse modo, consistiriam, mesmo atualmente, em *instrumentos de subversão*.

No desenvolvimento desta pesquisa, de um lado, serão evidenciados *elementos*, na *teoria freudiana*, criticamente utilizáveis na análise da *assunção individual psíquica* de uma *identidade social* – e, indiretamente, utilizáveis na *elaboração teórica* da *problemática* acerca das articulações entre *indivíduo* e *sistema sociocultural*. Certamente, não seriam intuitivas, as nuances da constituição *identitária* em um indivíduo. E a análise crítica dos *mecanismos de identificação* em meio aos quais se constituiria uma *identidade do Eu* seria necessária a certos desenvolvimentos da *teoria psicanalítica*, mais consistentemente utilizáveis nas *análises da cultura* – e, inclusive, nas análises concernentes não somente às *identidades sexuais*, com as quais a *teoria psicanalítica* tem sido mais comumente associada, mas às demais *identidades sociais*, “*étnicas*”, “*políticas*”, “*de classe*”, entre outras.

De outro lado, serão evidenciados certos outros *elementos*, na mesma *metapsicologia*, criticamente utilizáveis na análise da *violência identitária* – isto é, concretização da *aversão* a certas *identidades sociais*. Em muitos casos, extremada, a *aversão* identitária consistiria em *intolerância* e se relacionaria com a *abjeção identitária*

– isto é, com a projeção, em terceiros, de *abjetos do Eu*, os quais, projetados, o indivíduo intenciona destruir. Assim, se sustentará teoricamente a consistência da utilização da *metapsicologia freudiana* na análise dos *mecanismos psíquicos* constitutivos destes fenômenos. Freud articulou, em sua *metapsicologia*, *construtos teóricos* consistentemente utilizáveis na análise daquelas, tais como os conceitos de *Eu*, de *narcisismo*, de *identificação* e de *recalcamento*; e as noções de “*infamiliar*” e de “*narcisismo das pequenas diferenças*”.

Segundo Birman (2005, p. 204), “é preciso explicitar que as interpretações freudianas sobre os impasses do sujeito no mundo da civilização constituem, de fato e de direito, comentários críticos sobre a inscrição do sujeito na modernidade”; e, nesse sentido, se torna ainda mais pertinente a crítica pretendida neste projeto. Parafraseando o auctor (2005)³ – mas nos referindo ao propósito deste projeto –, tendo reconhecido uma descontinuidade fundamental entre discursos e teorias comumente articulados na militância identitária (supostamente direcionados à sua emancipação), ofereceremos uma crítica consistente e coerente com a *metapsicologia freudiana*, extraíndo dela elementos subversivos, mas, certamente, não uma *totalização sistemática*.

2. OBJETIVOS

O *objetivo principal* desta pesquisa de doutoramento consiste na elaboração de uma resposta à seguinte interrogação: **“estariam contidos na obra freudiana os elementos necessários a uma conceituação metapsicologicamente revisada da intolerância, da violência e da abjeção identitárias com a qual se subvertam consistentemente as concepções socialmente naturalizadas as quais reiteram inadvertidamente as problemáticas sociais relacionadas com as opressões identitárias?”**

Como *objetivos específicos*, relacionados com o *objetivo principal*, constam:

(1) uma reconstituição – não inteira, mas coerente com o objetivo mencionado – do desenvolvimento freudiano do conceito de *Eu* em meio à qual se evidenciem *elementos teóricos* necessários à diferenciação entre este último e certa noção de “*identidade*”; assim como à articulação entre ambos; e a evidenciação de alguns aspectos desta última, sendo

³ “É necessário sublinhar, portanto, que a leitura que fazemos do discurso freudiano se funda no reconhecimento deste de uma descontinuidade fundamental e não de uma totalização sistemática.” (Birman, 2005).

discutido o *estatuto de coerência* da articulação da noção de “identidade do Eu” na *metapsicologia freudiana*.

(2) a caracterização do conceito freudiano de *identificação*, assim como o estabelecimento de certas articulações entre este último e a mencionada noção de “identidade do Eu”; e a indicação, coerente com certas teorias freudianas, do modo como certas *identificações* de um indivíduo resultariam na sua *assunção psíquica* de uma *identidade social* – sendo articulados entre si, nesta assunção, *indivíduo* e *sistema sociocultural*, e sendo modificada, neste indivíduo, sua *identidade do Eu*.

(3) uma análise das noções freudianas de “*infamiliaridade*” e de “*narcisismo das pequenas diferenças*” em meio à qual se evidenciem *elementos teóricos*, na *metapsicologia freudiana*, necessários à elaboração das noções de *abjeção*, *intolerância* e *violência identitárias* compatíveis com a *metapsicologia*.

(4) uma discussão crítica acerca do modo como estas noções (metapsicologicamente revisadas) seriam consistentemente utilizadas em uma análise de certos fenômenos socioculturais recentes, sobretudo brasileiros, e a discussão de modos mediante os quais estas mesmas noções contribuiriam à subversão de um ordenamento socialmente opressivo, a exemplo do estabelecido historicamente na sociedade brasileira.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para a (1) reconstituição do desenvolvimento freudiano do conceito de *Eu* se recorrerá à análise, sobretudo, das mais importantes obras nas quais o autor articulou este seu conceito: *Introdução ao narcisismo* (1914), *O Eu e o Isso* (1923) e *O mal-estar na civilização* (1930). Já na (2) caracterização do conceito freudiano de *identificação*, se estudarão as obras intituladas *A interpretação dos sonhos* (1901), *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) e *O Eu e o Isso* (1923).

Por outro lado, na (3) análise da noção freudiana da “*infamiliaridade*”, será estudada a obra intitulada *O infamiliar* (1919); e, na análise da noção de “*narcisismo das pequenas diferenças*”, serão analisadas *O tabu da virgindade* (1918) e *O Mal-estar na Civilização* (1930). A evidenciação dos *elementos teóricos*, da *metapsicologia freudiana*, necessários à revisão metapsicológica da *intolerância*, da *violência* e, da *abjeção*, estão contidos em obras diversas, entre as quais constam também as anteriormente mencionadas e outras obras, ditas *metapsicológicas*, tais como *O inconsciente* (1915a).

Já a (4) discussão acerca do modo como seriam consistentemente utilizadas as noções freudianas na análise de *abjeções*, *intolerâncias* e *violências identitárias* recorrentes no cenário brasileiro será referenciada teoricamente em obras tais como a de Kristeva (1982), a de Cardoso (2000, 2002), a de Fuks (2007) e a de Silva Junior e Besset (2010), as quais se orientam teoricamente na *metapsicologia*. Na obra de Cardoso, se aventaram elementos os quais contribuirão à articulação metapsicológica daquelas noções, considerados os estudos da autora acerca do *supereu* e de suas implicações sobre o *Eu*. Na obra de Kristeva (1982), mais especificamente, se evidenciaram minuciosamente os mecanismos subjetivos da *abjeção*. Já a obra de Fuks (2007) contém elementos utilizáveis na articulação metapsicológica da noção de *intolerância*. De outro lado, analogamente, Silva Junior e Besset (2010) caracterizaram a *violência*.

Por sua vez, em meio à discussão anterior, serão evidenciados os modos como seriam consistentemente utilizadas as noções metapsicologicamente revisadas (de *abjeção*, *intolerância* e *violência identitárias*) na subversão de certos aspectos opressivos do ordenamento social brasileiro. Nesse caso, obras acerca de opressões identitárias operantes no sistema sociocultural brasileiro, a exemplo daquela de Tílio (2009) e de Ceccarelli (2010), serão utilizadas como referenciais na discussão. Também serão utilizadas obras tais como a de Butler (1990), nas quais não somente se caracterizaram ordenamentos socialmente opressivos a identidades minoritárias, mas se evidenciaram minuciosamente importantes mecanismos socioculturais de reiteração destes ordenamentos, ainda que de modo amplo, não restrito à realidade brasileira.

4. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

	2021				2022				2023				2024			
<u>ATIVIDADE:</u>	1ºB	2ºB	1ºB	2ºB	3ºB	4ºB	3ºB	4ºB	1ºB	2ºB	3ºB	4ºB	1ºB	2ºB	3ºB	4ºB
CONCLUSÃO DE DISCIPLINAS	X	X	X	X												
REVISÃO DE LITERATURA	X	X	X	X	X	X										
ELABORAÇÃO DE FICHAMENTOS			X	X	X	X	X	X	X							
DESENVOLVIMENTO DA TESE					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
QUALIFICAÇÃO DA TESE						X										
DEFESA DA TESE																X

5. REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. (2005). *PHYSIS*: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15(Suplemento), p 203-224.

BUTLER, J. **Gender trouble**. New York: Routledge, Chapman & Hall, 1990.

CARDOSO, M. R. (2000) O superego: em busca de uma nova abordagem. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 3, n. 2, p. 26-41, June 2000. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142000000200026&lng=en&nrm=iso. access on 23 Jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/1415-47142000002003>.

CARDOSO, M.R. (2002). **Superego**. São Paulo: Escuta.

CARDOSO, M.R. (2001). “**Adolescência e violência: uma questão de ‘fronteiras’?**” in: CARDOSO, M. R. (org.) *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001.

CECCARELLI, P. R. (1997). Mal-estar na identificação. **Boletim de Novidades da Livraria Pulsional**, São Paulo, v. 93, p. 37-46.

CECCARELLI, P. R. (2010). Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. In: *Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade*. Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (org.) Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 269-285.

CUNHA, E. L. Uma interrogação psicanalítica das identidades. **Caderno CRH**, Salvador, n. 33, p. 209-228, 2000

FREUD, S. (1914). **Introducción del narcisismo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14), p. 71-98. _____. (1917). “**Duelo e melancolia**”. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1915a). **El inconsciente**. Buenos Aires: Amorrortu, 1989. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14), p. 161-201.

_____. (1915b). **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 309-326. Edição Standard Brasileira.

_____. (1919). **O estranho**. In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XVII. Edição Standard Brasileira.

_____. (1921). **Psicologia de las Masas y Análisis del yo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 18), p. 63-136

_____. (1923a). **El Yo y el Ello**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 21), p. 1-63.

FUKS, B. B. O pensamento freudiano sobre a intolerância. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 1, p. 59-73, 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000100005>.

GARCIA-ROZA, L. A. (2000). Introdução à metapsicologia freudiana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 3.

KRISTEVA, J. (1982). Powers of horror. An Essay on Abjection. Nova York: Columbia University Press.

REINO, Luiz Moreno Guimarães; ENDO, Paulo Cesar. (2011) Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. **Trivium**, Rio de Janeiro , v. 3, n. 2, p. 16-27.

SARTORI, J. E. T. (2019). **A articulação da noção de "identidade sexual" na teoria psicanalítica freudiana**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, Brasil.

SILVA JUNIOR, J. N.; BESSET, V. L. (2010) Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 2, p. 323-336.

ROSA, M. D. A psicanálise frente à questão da identidade. **Psicologia e Sociedade**, ABRAPSO, v. 10, n. 1, p. 121-128, 1998.

TÍLIO, R. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 125-147, 2014.